

Entrevista:

Ian Mackaye [1994]



Entrevista Ian Mackeye © vidabreve #0 - 2003

vidabreve fanzine - 2003

www.a-falange.net/vidabreve

afalange@gmail.com

Diagramação e arte: **EH Martuchelli @ a Falange | estúdio**

Texto Extraído de: **www.dissentiment.hpg.com.br**

Texto original: **Revista Panacea © 1994**

Fotos: **www.southern.com/southern/band/fugaz/**

www.dischord.com

www.ratos.com.br



Fugazi e João Gordo [1994]

Resolvi colocar uma entrevista feita com Ian Mackeye em agosto de 1994, ano em que o Fugazi se apresentou pela primeira vez no Brasil.

Apesar de ter sido realizada há sete anos, as considerações de Ian sobre a comunidade punk/hardcore/underground nessa entrevista são, na minha opinião, atuais e ainda fomentam discussões interessantes.

Catei esse texto de um zine chamado Panacea que, ao lado de outros zines e revistas como a finada 100 Tribos, realizou uma entrevista em conjunto com Ian.

Não vou ficar aqui discutindo a integridade e a ligação dos entrevistadores com o meio hardcore/underground, se é algo sincero ou não. Quero dizer que, independente das perguntas formuladas, da edição e da qualidade dessa entrevista, achei interessante apresentar esse texto como um ponto de vista de uma das pessoas que colocamos como influência na nossa banda e na nossa comunidade.

Bom, de qualquer forma a entrevista está aqui em versão integral. Tire suas próprias conclusões.

Contexto: O Fugazi, banda americana independente, esteve no Brasil pela primeira vez em 1994 para uma turnê que incluiu o BHRIF e shows em São Paulo, Rio e Curitiba. Esta entrevista, publicada na Panacea 36, se deu em Belo Horizonte e foi conduzida pela Gabriela Dias, com participação do Adelman, fanzineiro das antigas e Eduardo Abreu, que fazia o 100 Tribos, outro zine.



Simples, direto, ríspido, até — assim é Ian MacKaye. Só quando eu, Eduardo Abreu (do 100 Tribos) e Adelman (do Escarro Napalm) fomos enfrentar o monstro é que vimos que ele não tinha 7 cabeças.

Obsessivo, gentil, atencioso — Ian (bem como Guy, Brendan, Joe e Joey, o roddie multitarefa) foi se revelando aos poucos para quem, como eu, teve o privilégio de acompanhar a banda em BH e Sampa.

Os estereótipos começaram a cair durante esta entrevista, realizada no restaurante do hotel em que nós (fanzineiros convidados do BHRIF) e eles (maior atração do evento) estávamos hospedados.

Com vocês, o Fugazi como ele é.

O maior problema da cena independente brasileira é que não há muitas gravadoras, rádios e publicações para apoiá-la. Considerando isso, que diferença você vê entre o fato de uma banda daqui e de uma banda americana assinarem com majors?

I. Mackeye: Nos EUA não foi sempre assim. Isso é uma consequência. Entre 78 e 81, não havia muitas gravadoras. Mas é difícil fazer comparações. São países diferentes, culturas diferentes.

Você tem uma "receita" para que se desenvolva, aqui, uma cena forte?

I. Mackeye: O quê?

Uma "fórmula"...

I. Mackeye: Vim para o Brasil porque convidaram. Não sou desbravador. Vocês não precisam de um americano para dizer como fazer as coisas.

E como se desenvolveu a cena nos EUA?

I. Mackeye: Havia muitas cenas [regionais] diferentes. O começo, pra mim, foi em 79, com o punk. Em cada cidade havia algumas bandas, o que ocasionava o aparecimento de uma gravadora. As cidades se comunicavam por meio de cartas, telefonemas, fanzines... E a coisa cresceu.

É como o seu fanzine. Como começou, como chegou até aqui? Não é tão simples. A minha versão favorita da história é: um dia, formamos uma banda. Agora estamos aqui.

Você é uma das lendas do hardcore americano. Qual é a sua opinião sobre outros ícones dessa época: Jello Biafra, GG Allin?

I. Mackeye: O que você quer saber deles?

O que você acha deles.

I. Mackeye: Alguns foram meus amigos. Nunca conheci GG Allin. E agora ele está



morto, então...

Você não tem nenhuma opinião sobre ele?

I. Mackaye: GG? [pausa. risos] Claro que sim. Não sei. Acho que todo mundo tem uma opinião sobre GG Allin. Não acho que a minha seja diferente. Ele me parecia uma pessoa infeliz com alguma coisa.

E quanto a Jello Biafra? Vocês são amigos?

I. Mackaye: Eu o conheço há alguns anos.

Você gosta dos projetos solo dele? E das colaborações de estúdio, como o Lard?

I. Mackaye: Não gosto de falar dos outros. Digamos, por exemplo, que você odiou esse pão, mas eu amei. O pão é bom ou ruim? O pão é o pão.

Jello é uma pessoa que lutou muito, que tem lá suas idéias, e que é um bom performer. A primeira vez que o vi foi em julho de 80, num show dos Dead Kennedys em São Francisco. Desde então temos sido amigos. Ele é legal.

Carregando a bandeira indie

Como foi aquela época pra você? Eu falei com Henry Rollins [veja Panacea 35] e ele disse que estava feliz agora porque, quando em turnê com o Black Flag, passava fome.

I. Mackaye: Bem, não vou falar necessariamente sobre Henry, ok? A maioria das pessoas que assinam com majors têm desculpas. Uma das que mais ouço é que passavam fome e não tinham dinheiro. Mas estou numa independente e faço parte de uma banda punk. Não assinei com major. Não estou passando fome. Estou bem. Estou no Brasil.

Quando as pessoas dizem "foi tão difícil", o que elas querem dizer é: "Me sinto um pouco culpada por ter feito isso". Essa é a minha opinião. Não necessariamente sobre Henry.

O Black Flag estava na estrada o tempo inteiro. Trabalhavam muito, geravam bastante dinheiro, vendiam muitos discos. O que aconteceu com Henry não... Não foi o caso da música independente, mas sim do Black Flag, tê-lo deixado na mão. Ele não recebia a grana. Nunca recebeu royalties.

Roubado por Greg [Ginn, guitarrista; dono da SST, gravadora da banda]?

I. Mackaye: Sim, por Greg.

Ele me disse.

I. Mackaye: Não se pode culpar toda a cena com base nas ações de algumas pessoas ambiciosas e sem caráter. Não é justo! Henry devia dizer: "Eu estava no Black Flag, e as pessoas da minha gravadora não me pagavam. Agora tenho controle sobre meus negócios e estou sendo pago." É o que ele devia dizer.

Ouvi a mesma coisa da baterista das Babes in Toyland, a Lori Barbero.

I. Mackaye: Babes in Toyland? Elas nunca foram uma banda independente! Lançaram um álbum pela TwinTone, e logo depois assinaram com a Warner.

Mas ela tem um selo independente, o Spanish Fly.

I. Mackaye: Sim, tem. O fato é: se você é uma banda popular, que trabalha e toca muito, e se as pessoas gostam de você, pode conquistar algo em gravadoras independentes. Se não, é difícil. Em uma major, você pode não ser popular, mas ainda assim vão fazer dinheiro com você, porque eles vendem qualquer coisa. Essa é a especialidade das majors: pegar um pedaço de merda, dar uma polida, e fazer um disco.

Fazer vídeos pra MTV...

I. Mackaye: Eu não odeio majors. Não odeio pessoas que assinam com elas. É apenas a realidade, o modo como as coisas são. Eu gostaria que as gravadoras independentes não tivessem sido tão ambiciosas nos últimos dez anos. Porque o que aconteceu — essa é a minha opinião sobre o porquê da música independente haver falhado, de certo modo, nos EUA —, o que aconteceu foi que havia bandas, em 85, na SST... Black Flag, Minutemen, Bad Brains, Meat Puppets, Hüsker Dü.

Sonic Youth.

I. Mackaye: Sonic Youth. Qualé? Era uma loucura. Aquelas bandas eram tão

populares. E o fato de que não recebiam a grana da SST era ridículo. Se a SST as tivesse pago, não creio que teriam ido para majors. A coisa poderia crescer para algo enorme. Mas a SST não pagou. Então o Sonic Youth disse: "Foda-se! Nós vendemos 15 mil discos e não recebemos!" As próprias gravadoras falharam. Se tivessem sido responsáveis, as coisas estariam melhor...

Foi falta de organização?

I. Mackaye: Não sei. Acho que, quando acontece um sucesso numa independente, as pessoas imediatamente pensam: "Nossa, é melhor começar a pensar como major!" Pra gente, da Dischord — que vendeu, com um disco do Fugazi, In on the kill taker, 250 mil cópias —, é diferente. Não assinamos contratos. Nossas bandas são nossos amigos. Com o Jawbox e o Shudder to Think — que deixaram a Dischord por majors —, foi assim: "Vão e boa sorte." Não brigamos. Esse é o relacionamento que eu tenho que ter, se vou fazer esse trabalho. Porque o mundo da música fede. É uma merda.

A sua palavra é mais importante que uma assinatura?

I. Mackaye: Claro. Acho que, se fiz um acordo com alguém e a coisa não deu certo, não tenho que ir pro tribunal por isso. Acabou. As gravadoras...

Digamos: Babes in Toyland. Assinaram com a TwinTone, que era uma pequena distribuidora de Minneapolis.

A mesma que lançou um dos álbuns do Soul Asylum.

I. Mackaye: Exatamente. Elas assinam, e aí a Warner vem e diz: "Nós queremos contratar vocês." Aí a TwinTone diz: "Nós temos um contrato com elas." A Warner: "Quanto vocês querem pra liberá-las?" Aí a TwinTone ganha, talvez, 50 ou 75 mil dólares. É pra isso que existe contrato. Pras gravadoras fazerem dinheiro.

Quando a Atlantic [N. da E. Parte do grupo Time Warner] veio atrás do Jawbox, eu disse: "Não queremos dinheiro." Não queremos nosso nome em lugar nenhum do disco. [risos] Quando a banda sai, acabou. Eu disse a eles [o Jawbox]: "Garantam alguma vantagem pra vocês." E eles garantiram: ganharam um bom dinheiro a mais — já que a Atlantic não teve que dar dinheiro pra Dischord pelo Jawbox, a banda ficou com algum. No final das contas, pra mim... Não quero ter nenhuma conexão, não quero ser parte da Atlantic, da Warner, da Capitol. Fodam-se eles! Simplesmente não estou interessado.

Você não precisa delas.

I. Mackaye: Não que eu não precise. Não é interessante [ser parte de uma major]. É chato. Às vezes eu penso: "Deus! Todos os meus amigos são milionários e famosos!" E eu sou este carinha que é fiel ao próprio mundo. Aí as pessoas pensam que uma banda como o Rage Against the Machine é que é radical. Como se pode ter rage against the machine [N. da E. Raiva da máquina, do "sistema"] quando se é parte dela [N. da E. O RATM é contratado da Sony]?

As pessoas têm que superar essa coisa da imagem, do dinheiro... Talvez não estejamos ganhando tanto, nem recebendo toda a atenção da imprensa, mas estamos vivendo uma experiência única. Nenhuma outra banda vende tanto quanto a gente fazendo as coisas como nós. Você quer saber quem é o empresário do Fugazi? Você está olhando pra ele. Nós agendamos os shows, nós empresariamos. Nós temos o controle. Essa é a porra da nossa banda! É uma experiência muito interessante, mas que a maioria das bandas não tem.

Considerando sua discografia completa, o Fugazi já vendeu mais de 1 milhão de cópias. Sabemos que isso é resultado de um esforço enorme, mas... Como você se sente administrando tanto dinheiro?

I. Mackaye: Isso não me afeta. Nós somos honestos. A Dischord é honesta. Pagamos todo mundo. Todo mundo que trabalha pra gente recebe um bom dinheiro.

Quantos empregados vocês têm?

I. Mackaye: A gravadora tem cinco funcionários, que ganham muito mais do que a maioria das pessoas que trabalham, por exemplo, em livrarias...

Em punk jobs [N. da E. Quaisquer empregos relacionados ao sistema alternativo punk].



I. Mackaye: Exatamente! Além disso, os empregados fazem o próprio horário e têm seguro-saúde — um grande problema nos EUA. São US\$ 150 por mês de seguro-saúde. É uma loucura.

Aqui também.

I. Mackaye: Vocês também têm que pagar por isso? Que merda.

Com o sucesso do Fugazi, quem está em volta se dá bem. Quem trabalha pra gente ganha bem; nós fazemos um bom dinheiro. É loucura: pro meio em que vivemos, é bastante dinheiro, mas, em comparação com algumas pessoas que vivem em Washington... Não sou rico!

Classe média.

I. Mackaye: Isso. Não sou nada. O dinheiro que fazemos agora, que talvez pareça muito... Quanto tempo essa banda vai permanecer junta? Não é como alguém que tem uma carreira e trabalha 30 anos da sua vida fazendo um bom dinheiro por ano. Quem sabe? Talvez o próximo disco do Fugazi não venda nada. Nunca se sabe. Eu tento... Não penso sobre isso. Eu era feliz há dez anos atrás, com nenhum dinheiro; era feliz há cinco anos, com algum dinheiro, e agora é a mesma coisa. Não fez diferença pra mim.

Pra mim, é assim: "Ah, eu tenho algum dinheiro." Esse pão, por exemplo [N. da E. Ao longo desta entrevista, Ian tomou chá preto — uma de suas poucas manias — e comeu torradas]. Não o pedi. Ele apareceu. Ok, aqui está ele. É a mesma coisa com o dinheiro. As pessoas do Fugazi são muito conscientes do que fazem com o próprio dinheiro.

Algumas entrevistadoras dizem: "Queremos saber o que vocês estão fazendo com todo o dinheiro." "Vá se foder! Não é da sua conta!"

Você não tem vergonha de fazer dinheiro honesto.

I. Mackaye: É loucura. As pessoas nunca estão satisfeitas: se nós fazemos as coisas dessa maneira, elas perguntam o que estamos fazendo com o dinheiro. "Não é da sua conta!" Se eles confiam na gente, ótimo; se não, problema deles. Não damos a mínima.

O mundo tem 5 bilhões de pessoas. Não é necessário confiar no Fugazi. Não somos o governo, não somos a justiça. Nossas decisões não são nada, além de nossas decisões. Se as pessoas gostam e confiam em nós, se se sentem inspiradas pela gente, legal, porque é isso que eu tiro da música: inspiração. Vocês entendem?

Claro.

I. Mackaye: Se não gosto, não confio numa banda, não fico perguntando: "Oh, por que será que não gosto de vocês? Você pode me explicar?" Vá se foder! Há dezenas de

outras bandas e pessoas legais no mundo. É uma questão de trabalhar construtiva ou destrutivamente. Se eu acho que uma coisa é boa, vou trabalhar por ela; se acho que é ruim, vou procurar uma boa. Não destruo, construo.

Independência.

Como a Dischord distribui seus discos?

I. Mackaye: Nossos produtos são prensados na Europa.

Na França?

I. Mackaye: Na França e na Inglaterra. Onde estiver mais barato. Após a prensagem, são distribuídos de um porão em Londres até uma loja em Chicago, ou até o escritório da Dischord em Washington. Há distribuidores pros EUA; há outros para o resto do mundo. Mas não temos um representante no Brasil.

Distribuidores indies?

I. Mackaye: Sim. Nos EUA a coisa está meio estranha: por causa do sucesso e de razões escusas, muitos distribuidores foram comprados por majors. Elas fazem isso porque é bom negócio, mas também porque, quando lançam novas bandas, querem lhes dar credibilidade. Fazem isso colocando-as em suas gravadoras "independentes", distribuídas "independentemente".

O Maximum Rock'n'roll [N. da E. O mais famoso zine punk dos EUA] fez uma matéria de capa sobre isso.

I. Mackaye: Exato. Achamos que a Caroline, por exemplo — que é da EMI —, pode distribuir nossos discos, porque ela não tem exclusividade: compra da gente tanto quanto as lojas. Na verdade, nós distribuímos. E, se você não consegue comprar o CD pelo preço [N. da E. A Dischord põe um "preço máximo" no CD: US\$ 8], tem sempre a opção de comprar direto. É mais barato.

Fui comprar a compilação do Minor Threat em São Paulo, e quiseram me cobrar 26 reais.

I. Mackaye: Quanto custa o CD nacional?

17, 18 reais em média.

I. Mackaye: E o importado?

De 20 a 30.

I. Mackaye: Então nossos discos estão sendo importados pra cá.

Sim.

I. Mackaye: Se você comprasse a compilação da gente, pagaria US\$ 11 (na época, não havia alta do dólar como hoje). Por correio, via aérea. É mais barato que o CD nacional! Mas é menos cômodo. Você tem que ir ao correio, esperar duas semanas. Eu queria ter mais catálogos...

Catálogos da Dischord, com endereço e preços?

I. Mackaye: Isso. Negócios, negócios...

E quanto às camisetas? Você desencoraja o merchandising.

I. Mackaye: Sim. E fazem pouco da gente...

Naquela camiseta "this is not a Fugazi t-shirt".

I. Mackaye: É tudo pirata. Essa camiseta, em particular... Eu escrevi pro cara e disse: "Pare com isso." Ai ele fez essa, que é engraçada.

Ao menos tem senso de humor.

I. Mackaye: É. Liguei e disse: "Já que você é tão criativo e vende camisetas só porque tem 'Fugazi' nelas, por que não dá o dinheiro a uma instituição de caridade aí de Boston?" Ele aceitou. O dinheiro delas fez algo de bom.

Se eu fosse garoto, nunca iria a uma loja comprar camiseta. Agora, se você for a um show de uma banda nova, e ela estiver vendendo camisetas que fez, compre. Se vier uma grande banda, com stands vendendo camisetas a US\$ 25 (coisa normal nos EUA)... Que se foda! São roupas, não anúncios.

E por que o Fugazi não faz sua camiseta?

I. Mackaye: Porque nós somos uma banda! Não é interessante. Na verdade, Jeff, meu parceiro na Dischord, faz camisetas da gravadora. Mas pra mim isso é chato. Pense nas bandas de jazz dos anos 30, 40: já imaginou se todo mundo que fosse vê-las sua camiseta? Por que é normal, pra gente, em 1994, um garoto pagar US\$ 20 pra ver uma banda, US\$ 25 pela camiseta, US\$ 15 pelo poster?

O que você acha da briga entre o Pearl Jam e a Ticketmaster? [N. da E. A banda está na Justiça contra o monopólio de venda de ingressos de shows que a Ticketmaster tem nos EUA]

I. Mackaye: O que eu penso disso?

Sim, como vê a situação?

I. Mackaye: Bem, nós já brigamos com a Ticketmaster. [risos] Vencemos a luta: damos shows por US\$ 5.

O Pearl Jam está na mesma situação, só que eles tocam em estádios. Tenho amigos que ironizam: "Coitadinhos, lutando por um ingresso barato, de US\$ 18..." Mas os Eagles estão fazendo turnê por US\$ 100.

E os Stones?

I. Mackaye: US\$ 50, 60. Talvez US\$ 18 seja barato pra um show desses.

O ingresso dos Eagles é mais que o salário-mínimo daqui.

I. Mackaye: Loucura.

E o que você acha dos códigos de barra nos CDs?

I. Mackaye: O Maximum Rock 'n' roll e outras pessoas são contra. O que eu penso: eles são adesivos, etiquetas, e deveriam ser tratados como tal. As pessoas não deveriam colocá-los em cima da arte da capa, porque aí ela vira só um produto. Mas se são adesivos pra colar, qual é o problema?

Essas pessoas estão tentando "salvar" o hardcore.

I. Mackaye: Em primeiro lugar: o hardcore não pode ser salvo. Em segundo: o punk — ou o hardcore, seja qual for o nome que se queira dar — viverá pra sempre, goste-se ou não. Sempre haverá pessoas trabalhando e criando em um nível "abaixo" de tudo.

É a atitude "underground".

I. Mackaye: A palavra underground se tornou uma marca. Mas o conceito sempre irá existir. A garotada sempre vai dizer: "Foda-se essa merda. Odeio Fugazi. Vou tocar diferente." E isso é ótimo.

É assim que a música evolui.

I. Mackaye: Exatamente.

Straight edge

O hardcore é um estilo musical ou um modo de vida?

I. Mackaye: Eu não sei o que é hardcore. Digamos que há uma série de portas e uma linha de tempo. Na primeira porta está escrito new wave; na segunda, punk; na terceira, hardcore; na quarta, alternativo, e depois, independente. São portas diferentes de tempos diferentes, mas que dão mais ou menos no mesmo lugar. Entro pela do punk. O hardcore é uma porta que veio depois. Sou um punk rocker. Mas talvez seja a mesma coisa. Não sei. Talvez vocês achem que punk é Sex Pistols. Mas pra mim é Patti Smith, Stooges, MCS... E também é Black Flag! Minor Threat era punk, não hardcore!

E a violência? Skinheads etc.

I. Mackaye: Não faz sentido. Em 81, quando começamos, havia tanta violência no punk... Sei do que estou falando, porque eu costumava brigar muito.

Está melhor agora?

I. Mackaye: Sim. Menos brigas.

Diz-se que você criou o straight edge, um movimento muito ativo hoje em dia...

I. Mackaye: [interrompendo] O que é isso? O que eles fazem?

Muitas bandas, zines...

I. Mackaye: Ok. [risos] Já respondi essa pergunta milhares de vezes, mas estou pronto. Você está?

Sim.

I. Mackaye: Em 1980, estava no Minor Threat. Escrevi uma canção chamada "Straight edge", sobre um garoto que não bebe álcool, não se droga, não fuma, e se sente pressionado por causa disso.

Sou esse garoto. Escrevi uma música sobre a minha vida? Descobri que havia muitas pessoas que concordavam comigo. Outras diziam: "Vá se foder, Adolf Hitler! Idiota!" Se você ler a letra, verá que não digo "não faça". As pessoas acharam que eu estava tentando criar um movimento. E eu: "Isto não é um movimento, é apenas uma canção." Não fez diferença. É 1994, e você está perguntando a mesma coisa.



Talvez porque as pessoas continuam te vendo como um líder.

I. Mackaye: Mas não posso fazer nada! O que aconteceu é que surgiram outras bandas que gostavam daquilo. A coisa se deturpou. Existem dados estranhos: muitos dos garotos que entraram no straight edge são de famílias fortemente católicas. É mais ou menos o que acontece também com o Shelter. [N. da E. Banda de hardcore ligada ao Hare Krishna]

O crossover religião e hardcore não funciona?

I. Mackaye: Pra eles, acho que funciona. Pessoalmente, não endosso nenhuma religião. Mas não tenho regras. Sou só um ser humano. Acredito que é natural o ser humano fazer coisas boas, e é por isso que fazemos benefits [shows para arrecadar fundos para alguma causa]. Não se tem que ter religião para ser consciente.

Tem gente que diz: "Por que o Fugazi faz as coisas assim? Deve ter motivação política ou religiosa." Não. Somos quem somos. O Fugazi sou eu, Guy, Brendan e Joe. Os quatro decidem. É nossa banda, gerando nosso dinheiro, sem nada por trás. Fazemos o que queremos.

E o que você acha quando dizem que o straight edge é de direita, porque "combate" as mesmas coisas que o governo americano: drogas, álcool etc?

I. Mackaye: Essa é a maior besteira que já ouvi na vida. Quem acredita nisso é burro, porque realmente acredita que o governo dos EUA é contra as drogas. Todo mundo sabe que ele é totalmente envolvido com o tráfico de cocaína, o crack etc, via CIA.

Acho que as drogas deveriam ser legalizadas. É absurdo que a maconha seja proibida. A idéia de que governos como o dos EUA estão gastando dinheiro para prender gente que fuma maconha me dá nojo. Mas também acho que fumar maconha é idiotice. É o que digo: ser você mesmo já é suficiente.

Você já ficou doidão?

I. Mackaye: Não. Nunca fumei maconha. Já fiquei bêbado, aos 12, 15 anos. Depois, nunca mais bebi.

Nunca fumou cigarro?

I. Mackaye: [enojado] Não, não. Gosto de ar. Tem mais a ver com o ato de respirar,

sabe? [risos] Mas algumas das pessoas que amo fumam. Vamos colocar desse modo: odeio vícios, mas não odeio as pessoas que os têm. Não sou do tipo “fodam-se todos vocês, seus fumantes!” [risos]

As pessoas têm uma idéia errada de mim. Acham que sou um radical que “prega” coisas. Não! Sou uma pessoa normal, que tem algumas opiniões. Isso não as faz corretas. E tenho necessidade de falar. Só isso.

Punk por filosofia

O que te fez ser músico?

I. Mackaye: Não sei. O que te fez querer ser o que você é? Aconteceu.

Como, quando?

I. Mackaye: Se você for atrás, foi aos 6 anos, tocando piano. Mas isso não teve a ver. Essa é minha história da “porta do punk”: quando eu tinha 12 anos queria ter uma banda (aliás, queria tanto que comprava guitarras de brinquedo e fingia que tocava), mas não conseguia tocar guitarra. Tive duas aulas; não consegui.

Desisti pensando: “Música é Zeppelin, Stones, The Who. É só para deuses.” Virei skatista. Eu, Henry [Rollins], Mark, todos os garotos de Washington de 13 anos. Cresci

para se vender. E toda vez que isso acontece, a comunidade enfraquece.

Quando as bandas assinam com majors é ótimo, se é isso que elas querem fazer, e se elas se lembram de onde vieram. Só não gosto de gente que diz: “Eu tinha que largar aquilo pra chegar aonde estou.” Nessa eu não caio. Henry fala mal do punk, mas... Como chegou à major? Ele não seria “Henry Rollins” se não fosse pelo Black Flag.

De jornalistas e zines

I. Mackaye: Desculpem-me se falo muito... [risos] É que, quando dou entrevistas, tenho a oportunidade de repensar. Já respondi à maioria das perguntas antes, mas não fico entediado. Só com as do straight edge. [risos] Não me chateio porque é uma chance de ver, aos 32 anos, como penso, no que mudei. Volto às raízes.

Mesmo com o straight edge: não é justo me recusar a responder. Foi por causa dessa música que estou aqui, agora. É uma ótima música, acho. Não me arrependo de nada do que fiz.

O mais engraçado é que tem um monte de jornalista por aí perguntando: “Quem é o Ian?” Gente que nunca ouviu Fugazi nem Minor Threat, e faz pergunta idiota em entrevista coletiva.



com Henry: aos 11 anos, ele era meu melhor amigo.

Estava na high school [N. da E. Equivalente ao segundo grau] quando o punk começou a surgir. Comecei a me envolver e pensei: “Puxa, isso eu posso fazer.”

O conceito do do-it-yourself.

I. Mackaye: Exato. O punk criou um formato acessível pra todos. Em um momento, música era como cenas na TV: eu nunca seria parte daquilo. No outro, qualquer um podia fazer qualquer coisa.

Quando entrei nele, vi que não era só música: era política, sociológico, sexual. Tudo com o que eu sempre sonhara.

O underground era diferente, e isso era importante. Aos 16, o que eu queria? Arranjar uma namorada, casar, trepar, ter filhos, blablablá. Com o punk descobri que havia muito mais a se fazer. Claro que não é preciso ser punk pra descobrir isso. Pode ser por meio de literatura, jazz, teatro, cinema — sempre haverá comunidades alternativas.

Foi como um presente. Por isso que me sinto na obrigação de continuar na comunidade. Muitas pessoas viram que podiam fazer dinheiro em cima daquilo, e usaram o meio

I. Mackaye: Exato. Jornalistas são assim.

É muito estranho.

I. Mackaye: Mas escrever sobre música é estranho, porque música... Não se explica em palavras. Já é um meio estranho. [risos] Mesmo o que vocês fazem é estranho. [risos] Se bem que vocês fazem zines: escrevem sobre o amor à música, não sobre a música.

Participamos de um debate em que houve uma discussão sobre o que era zine. Argumentávamos a diferença era o espírito — não uma capa colorida.

I. Mackaye: Concordo. E isso não quer dizer que você tem que falar bem de tudo, porque, se você ama música, sempre vai achar que alguma banda é ruim. O posicionamento é diferente: um zine é sobre o que as pessoas sentem em relação à música; uma revista tem um monte de gente escrevendo de um ponto de vista do tipo “eu entendo de música”. E a maioria dos jornalistas não entende de nada — são só pessoas que foram contratadas para escrever sobre qualquer coisa.

Uma curiosidade: você é direto e seguro quando fala. Como você consegue se manter tão 100% sobre as coisas? Parece que você nunca fica confuso!



I. Mackaye: Sou um bom ator. [risos] Fico confuso muitas vezes. [longa pausa] Faço muitas coisas, e penso sobre elas. Tento simplificar. A vida é simples. Vejo as coisas assim: estamos aqui, agora. Ponto. Tudo o mais é distração — nosso cabelo, o que comemos, ouvimos. Tento simplificar o modo como vivo. Se me perguntam sobre dinheiro, digo: “Um dia não tive, outro dia tive um pouco...”

Odeio ficar confuso. Tento simplificar, ser natural. É mais fácil. Não somos socialistas, religiosos, nada. Somos uma banda, só. Não quero confundir ninguém. A música é suficiente — ela contém a própria razão.

Mais um workaholic

Como é seu dia-a-dia?

I. Mackaye: Trabalho o tempo inteiro na Dischord.

E o que você faz nela?

I. Mackaye: A Dischord é uma família [N. da E. Lá trabalham os irmãos de Ian, sua companheira, Cynthia, e amigos]. Minha tarefa é lidar com o que ninguém quer: grandes decisões. A maioria do planejamento da banda é meu.

Vir ao Brasil, por exemplo, tomou umas três semanas inteiras de trabalho — passaportes etc. Os vistos saíram quatro horas antes do nosso avião! E quando estamos em casa, ensaiamos todo dia. Cinco dias por semana, três horas por dia. Somos loucos!

Vocês já têm material novo?

I. Mackaye: Algum. Está vindo devagar. Há duas razões para isso: a primeira é que estamos meio confusos sobre nossa música e o que queremos, como banda, agora; a segunda é que, de novo, estamos confusos com o que está acontecendo. É estranho que todas as bandas tenham assinado com majors.

Que bandas, por exemplo?

I. Mackaye: Diga uma!

Superchunk!

I. Mackaye: Eles não estão! [risos] ótimo! Mas falando em geral... Redd Kross...

Jawbox, Henry Rollins...

I. Mackaye: Henry Rollins! O Green Day já vendeu 1 milhão de cópias!

Bad Religion...

I. Mackaye: Assinou! Com a Atlantic!

Aí vai uma fofoca pra vocês [risos]: o Offspring emplacou um puta hit nos EUA, não me

lembro o nome. 700 mil cópias. Eles são da Epitaph, que ficou “uau!”. Muito dinheiro. Então Mr. Brett, guitarrista do Bad Religion — e dono da Epitaph —, sai da banda. Pra ficar só com a gravadora. Muito dinheiro, muito trabalho.

Ele saiu antes da banda assinar com a Atlantic?

I. Mackaye: Depois! E quem está na banda agora? Brian Baker, ex-Minor Threat! That’s rock’n’roll!

E que se fodam vocês

E sua primeira vinda ao Brasil? Te criticaram, porque você estaria “com a namorada” [Jennifer, do L7] em um festival patrocinado por uma marca de cigarro.

I. Mackaye: Não sabia disso. Quem disse?

Os jornais.

I. Mackaye: Os jornais?! Primeiro, não vim com “namorada”. Minhas amigas do L7 me convidaram pra vir ao Brasil. Aceitei. Não tinha idéia do que era o festival. Não fiz dinheiro. Se querem me criticar, foda-se! Não me importo. Eles não tem mais nada pra fazer? O L7 não sabia que era patrocinado por cigarros! Ninguém sabia, até chegar aqui.

Você ficou puta?

I. Mackaye: Não, quer dizer, eu era só um convidado. Tudo o que fiz foi afinar o baixo da Jennifer e carregar algum equipamento. Mas é interessante: se eu não tivesse vindo em 93, talvez não teríamos vindo agora. Pra mim, por um lado, foi ridículo estar naquilo — eu nunca tinha estado num evento daquele, foi uma experiência. Por outro, me fez vir ao Brasil — e querer voltar. Então, sei lá, fiquei feliz por ter podido vir.

E aqueles que me criticaram, que não vão aos shows. Podem me odiar. [risos]

Pergunta clássica: você conhece alguma banda brasileira?

I. Mackaye: Poucas.

O IHZ [N. da E. Banda hardcore de Santos] disse que te mandou um 7” e você respondeu.

I. Mackaye: Sim, me lembro. Respondo todas as cartas. Leva uns cinco meses, mas respondo. Mas minha banda brasileira predileta é Mutantes. Adoro. Realmente adoro.

Muitas pessoas gostam. Jello, Kurt Cobain...

I. Mackaye: Acho até que foi Jello que me deu a fita deles. E quanto ao Kurt Cobain, acho que fui eu que dei a fita pra ele, naquele Hollywood Rock...

Discografia

A discografia de Ian Mackaye é gigantesca! Gravando, produzindo ou simplesmente participando como convidado, seria necessário mais páginas para apresentá-la na íntegra. Aqui resumimos as principais bandas em que tocou e a discografia do FUGAZI sua atual banda.

Você pode adquirir informações mais precisas nos sites:
www.dischord.com e www.southern.com/southern/band/FUGAZI

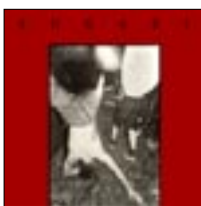
TEEN IDLES

Dischord 1
 'Minor Disturbance' EP
 8 songs, recorded in 1980



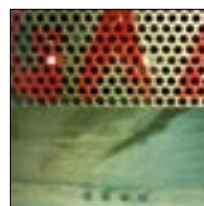
FUGAZI

Dischord 30
 self titled EP
 7 songs, recorded June 1988



FUGAZI

Dischord 90
 'Red Medicine'
 13 songs, Recorded in January 1995



MINOR THREAT

Dischord 3
 'Minor Threat'
 8 songs, recorded in 1981



FUGAZI

Dischord 35
 'Margin Walker'
 6 songs recorded December 1988



FUGAZI

Dischord 110
 'End Hits'
 13 songs, April '98



MINOR THREAT

Dischord 5
 'In My Eyes'
 4 songs, recorded in 1981



FUGAZI

Dischord 36
 self titled EP & 'Margin Walker'
 Combined CD



FUGAZI

Dischord 120
 'Instrument Soundtrack'
 18 tracks, April 1999



MINOR THREAT

Dischord 10
 'Out of Step'
 8 songs, recorded January 1983



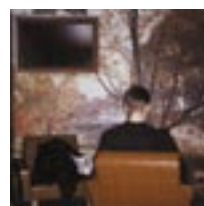
FUGAZI

Dischord 43
 7" 3 SONGS
 Recorded July 1989



FUGAZI

Dischord 129
 'Furniture'
 3 songs, October 2001



SKEWBALD/GRAND UNION

Dischord 50
 self titled 7"
 3 songs, one side, clear vinyl,
 recorded November 1981



FUGAZI

Dischord 44
 'Repeater'
 11 songs recorded September 1989



FUGAZI

Dischord 130
 The Argument
 11 songs, October 2001



EGGHUNT

Dischord 20
 'Me and You' 7"
 2 songs, recorded March 1986



FUGAZI

Dischord 45
 'Repeater' & 7" 3 Songs
 Combined CD



FUGAZI

Dischord 80
 'Instrument'
 A feature length film about Fugazi
 Made by Jem Cohen, directed by Jem Cohen and Fugazi
 March '99



EMBRACE

Dischord 24
 self titled
 14 songs, recorded summer 1985
 - spring 1986
 16 songs, remastered with extra
 tracks for CD, May 2002



FUGAZI

Dischord 60
 'Steady Diet of Nothing'
 11 songs recorded January 1991



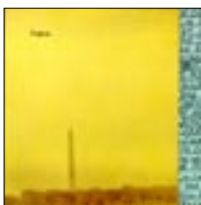
DISCHORD 20 YEARS

Dischord 125
 '20 Years of Dischord'
 73 song boxed set (3 cds & 134
 page book)
 1 song from every Dischord Artist
 1980-2000
 & 23 unreleased and rare songs
 compiled 2000-2002



FUGAZI

Dischord 70
 'In on the Kill Taker'
 12 songs recorded December 1992



MINOR THREAT

Dischord 27
 'Live Video'
 18 songs, 42 minutes
 Recorded live at 9:30 Club, 6/23/83 with a short clip
 at d.c. space from 1980

